

PERSPECTIVAS INTERCULTURAIS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ana Carolina Pimenta Assoni*

Resumo: Temos nos deparado com contextos que envolvem a necessidade de habilidades que incluem motivação, respeito e atitudes eficazes para se comunicar em contextos com culturas diferentes. Desse modo, consideramos a Competência Comunicativa Intercultural (CCI) uma palavra-chave para essas interações, por isso buscamos compreender, no contexto do Ensino de Línguas Estrangeiras, como desenvolver essa competência. Nesse âmbito, apoiamos-nos no cinema contemporâneo sob um viés intercultural. Baseamo-nos em autores das áreas aqui mencionadas, como Edward Hall (1959, 1966, 1976, 1988, 1990), Bennett (1993, 2008), Kramsch (1993, 2005), Byram (1997), Byram e Flemming (1998), Byram et al. (2001) e Byram, Gribkova e Starkey (2002), entre outros.

Palavras-chave: Competência Comunicativa Intercultural. Ensino de língua estrangeira. Cinema contemporâneo.

INTRODUÇÃO

■ Como aprendizes e professores têm lidado com as diferenças culturais dentro e fora da sala de aula? Quais habilidades são necessárias para se obter uma melhor comunicação entre culturas? E como o cinema atual pode contribuir para tais habilidades? Este artigo tem como objetivo responder a esses questionamentos ao explorar a identificação dos aspectos culturais (e sua respectiva relevância) relacionados ao ensino-aprendizagem de Língua Estrangeira – aquisição da língua em uma perspectiva intercultural.

Desde o início da década de 1970, linguistas têm demonstrado que, além do conhecimento léxico-gramatical, é imprescindível uma busca pelo conhecimento cultural da língua-alvo pelas pessoas que desejam utilizá-la. Além da necessidade

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lina.assoni@gmail.com

de conhecer uma língua estrangeira, torna-se relevante demonstrar respeito às diferenças, sejam elas linguísticas, sejam culturais, e considerar como as pessoas se comportam, quais são seus interesses e posturas. E considera-se necessário que os professores compreendam que os contextos culturais e linguísticos, atrelados a outras disciplinas e ferramentas, são significativos nas experiências em sala de aula e, conseqüentemente, na vida dos estudantes.

Para isso, examinaremos perspectivas teóricas sob o viés dos Estudos da Interculturalidade que englobam as relações entre culturas diferentes. Mais especificamente, a Competência Comunicativa Intercultural (CCI) torna-se uma habilidade de suma importância para o nosso cotidiano de relações multiculturais e contextos interdisciplinares e diversos em que é necessário um reconhecimento mais amplo das culturas a nossa volta, assim como de uma pessoa de outro país, e seus valores, visões, e não só se encerrar uma aula “cultural” em listas de hábitos e costumes. Essa competência (CCI) se faz presente e imprescindível tanto para o aprendiz quanto para o professor de línguas estrangeiras, pois ao desenvolver a CCI, ela é transformadora daqueles que são envolvidos por ela, tornando o ensino e a aprendizagem de língua estrangeira significativos.

De acordo com pesquisadores da área dos Estudos da Interculturalidade e do ensino de língua estrangeira, como Byram (1997), Hall (1959, 1966, 1976, 1988, 1997, 2006), Kramsch (1993, 2006), Richards e Nunan (1990), dentre outros, um falante intercultural faz que encontros culturais se tornem momentos de se buscar entender pontos de vista enquanto contribuem para o entendimento da outra pessoa acerca de sua própria cultura. Pensamento similar é o de Hanna (2014) ao destacar que o entendimento cultural engloba o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre duas ou mais culturas. Portanto, quando as habilidades linguísticas e a competência comunicativa intercultural estão integradas em um ambiente com ferramentas e disciplinas que facilitem o aprendizado, os falantes se tornam mais preparados para participarem desse mundo globalizado.

Além disso, observamos como o cinema (visto como material autêntico) pode servir como ferramenta importante em aulas de língua estrangeira, a partir de filmes que tratam da interculturalidade de modo direto e indireto, para reflexão, apreciação, além de entretenimento. Nesse âmbito, pesquisadores como França e Lopes (2010) acreditam que os espectadores precisam buscar ter consciência de que as narrativas filmicas transportam valores de seus criadores, além de outros aspectos e valores que podem ser descobertos em sala de aula. Discutimos a necessidade de criticidade e reflexão ao observar filmes quanto a temas interculturais, assim como temas que contem estereótipos e preconceitos. Observamos também em que sentido comportamentos, ações, maneiras de pensar e agir no cinema podem influenciar no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, por meio do próprio filme e por seu uso em aula.

LÍNGUA E CULTURA

Estamos inseridos em um mundo globalizado, em que as informações, os capitais, as pessoas e as culturas têm cruzado fronteiras reais e metafóricas. Em um momento em que a diversidade cultural passou a ser a norma mais do que a exceção (CHEN; STAROSTA, 2000), uma comunicação eficaz torna-se necessária, ou seja, que haja clareza e compreensão entre ambas as partes de uma interação.

Ao longo de nossa vida, aprendemos a nos comunicar tanto verbal quanto não verbalmente. A língua, o contexto, a nossa personalidade e circunstâncias externas são fatores, dentre outros elementos, que fazem parte do que chamamos de interação. Aspectos culturais internalizados influenciam em nossas escolhas linguísticas e comportamentais, assim como aspectos inconscientes; por exemplo, no Brasil, é muito comum as pessoas darem um beijo no rosto (ou mais de um dependendo da região do país) ao se cumprimentarem e é possível um brasileiro fazer isso a um estrangeiro sem prestar muita atenção se isso é adequado ou não, por ser um hábito nosso.

Edward Hall (1959, p. 186) argumenta que “[...] cultura é comunicação e comunicação é cultura”. Foi por meio de seu entendimento que muitos teóricos obtiveram uma melhor compreensão sobre cultura e comunicação. De modo que essa relação se dá pelo fato de estarem interligadas, à medida que uma se desenvolve, acaba por expressar a outra. Além de ambas também se manifestarem de formas não verbais. A cultura é um sistema de criar, enviar, emitir, armazenar e processar informações. Logo, as comunicações culturais são muito mais complexas:

Comunicações culturais são mais profundas e mais complexas do que as mensagens faladas ou escritas. A essência da comunicação “cross-cultural” tem mais a ver com liberar respostas do que com enviar mensagens. É muito mais importante liberar a resposta certa do que enviar a mensagem certa¹ (HALL, 1988, p. 53, tradução nossa).

As culturas estão sempre em transição, levando as pessoas a se adaptarem de maneiras diferentes e até imprevisíveis diante de contextos e circunstâncias adversas. Claire Kramsch (2011, p. 354) aponta que a cultura também está relacionada com uma “dimensão simbólica”, na qual constantemente criamos significados e reconhecemos nossa identidade. Possuímos cosmovisões que moldam a nossa percepção e interpretação do mundo. O que percebemos nas pessoas, assim como os outros observam em nós, não são necessariamente coincidentes.

Para Hall, ao falharmos na negociação das regras básicas de comportamento e de comunicação, é impossível fazer com que a cultura “funcione”, pois isso depende de um trabalho permanentemente voltado para a observação de como as pessoas vivem e se relacionam. Além disso, deve existir a prontidão para o aprendizado (para o outro e sua cultura), o respeito em relação a esse outro. Precisamos passar pela experiência de ser/sentir o “outro” e segundo Hall (1959) de se obter a noção de *otherness*² para alcançar uma comunicação eficaz e com menos ruídos.

A ideia de *otherness* é fundamental para analisar como as identidades são construídas. Isso se dá pelo fato de a representação de diferentes grupos em uma determinada sociedade ser controlada por grupos que detêm um poder político maior. De acordo com Bauman (1991, p. 8), a noção de *otherness* é importante para a forma com que as sociedades estabelecem categorias de identidade. Para

1 “Cultural communications are deeper and more complex than spoken or written messages. The essence of cross-cultural communication has more to do with releasing responses than with sending messages. And it is more important to release the right response than to send the right message”.

2 Uma tradução mais próxima seria “alteridade”, mas optamos por manter a palavra em inglês para uma maior precisão.

os sociólogos, o termo *otherness* é usado para questionar as identidades sociais e suas categorias, isto é, o entendimento de que o outro seja diferente do “eu”.

Hall (1988) também afirma que a cultura esconde muito mais do que revela aos seus participantes. O autor apresenta alguns aspectos fundamentais para uma melhor compreensão cultural por meio de conceitos, como *proxemics* – a relação entre o espaço pessoal que as pessoas têm umas das outras. Além desse, há diversos outros conceitos que estão relacionados a essa “cultura escondida” (*hidden dimension*) em que Edward Hall (1988) desenvolve sua extensa pesquisa. No exemplo da *proxemics*, a distância que um indivíduo se posiciona em relação a outro (da mesma cultura ou de outra) revela características implícitas sobre esse relacionamento. Portanto, para qualquer tentativa de entender alguém ou um grupo, devem ser considerados o tempo, o contexto e as diferenças individuais.

Lidar com a diferença, entendê-la, apreciá-la e respeitá-la é o ponto principal dos aspectos da Comunicação Intercultural (BENNETT, 1993). Diante disso, a comunicação precisa ser realizada por meio de um diálogo intercultural. Podemos afirmar que a comunicação intercultural consiste na criação de um ambiente de respeito, tolerância, flexibilidade, resiliência entre as culturas.

Bennett (1998, p. 4) atesta que a comunicação intercultural tenta responder à pergunta: “Como as pessoas entendem umas às outras quando elas não compartilham de uma experiência cultural comum?”. Essa pergunta torna-se diária, não somente a diplomatas e viajantes, alunos e professores de línguas estrangeiras, por exemplo, mas também, atualmente, àqueles que vivem dentro de sociedades multiculturais.

Um ponto muito importante em relação a essa pergunta é respondido por Byram et al. (2001, p. 239). O autor comenta que os aprendizes de hoje, que estão inseridos em um contexto de ensino-aprendizagem intercultural, não estão simplesmente adquirindo habilidades por si só. Nesse processo de pesquisa, descoberta, ensino e aprendizagem no universo de um idioma diferente do seu, eles são envolvidos como pessoas e é exigido que eles pensem e reflitam sobre como interagir com as pessoas de modo geral, de modo independente, tornando-os mais preparados e sensíveis para se comunicar na nossa sociedade global.

Em todos os âmbitos, essas sociedades têm aumentado e se fortalecido com a globalização em razão das mudanças sociais e econômicas que atravessaram fronteiras nacionais, integrando comunidades, organizações e indivíduos e, conseqüentemente, suas culturas. Essas conexões têm se formado a partir de ambientes virtuais que “encurtaram” o tempo e modificaram o espaço, fazendo com que o mundo se tornasse mais interligado, gerando novas percepções, experiências e identidades.

Acreditamos que um professor de línguas estrangeiras precisa estar atento e sensível a essas mudanças. Como afirma Liddicoat e Scarino (2009, p. 20, tradução nossa),

[...] os professores precisam analisar sua posição pessoal e profissional de ensino: o panorama geral do entendimento e da posição profissional que trazem para seu trabalho e que molda seus programas e pedagogias³.

3 “[...] the teachers need to analyse their personal, professional teaching stance: the professional big-picture understanding and position they bring to their work which shapes their programs and pedagogies”.

Compreendemos atualmente que as pessoas apresentam formações complexas e possuem múltiplas camadas de identidades influenciadas por história, religião, política, e pela própria globalização, então torna-se imprescindível que as pessoas estejam mais conscientes sobre si mesmas diante de relações interpessoais cada vez mais frequentes.

A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA INTERCULTURAL E O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

A Competência Comunicativa Intercultural (CCI) torna-se vital no ensino de línguas estrangeiras, assim como os aspectos que envolvem um ensino com uma perspectiva intercultural e as características de um aprendiz e falante intercultural.

Um dos questionamentos que tanto Bennett (1998) quanto Byram, Gribkova e Starkey (2002) apresentam é sobre o que as pessoas precisam aprender para lidar com situações de contato intercultural. Com o aumento da globalização, migração e imigração, houve um grande reconhecimento da necessidade de um foco intercultural no ensino de língua estrangeira. Atrelado à língua também deve haver aspectos não linguísticos relevantes para a comunicação na sala de aula de idiomas.

Em uma interação intercultural, as escolhas, sejam elas semânticas, sejam lexicais, devem ser balanceadas a partir do contexto (por exemplo, formal ou informal), pela proximidade ou distanciamento de relacionamentos e posições sociais, entre tantos outros fatores que vão direcionar a fala. Assim como Hanna (2014, p. 167) afirma que “[...] ensinar uma língua é também ensinar um complexo sistema de costumes sociais, maneiras de pensar e agir, o que torna imperativo a contextualização social”.

Byram, Gribkova e Starkey (2002) dedicam o livro *Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers* para esclarecimento de professores sobre a dimensão intercultural. Explicam o que a envolve e como desenvolvê-la. É um guia para o professor, o qual deve saber ensinar, mediar e conduzir a sala de aula, de modo que relacione o ensino da língua com contextos e encontros interculturais e transdisciplinares, por meio tanto de material autêntico quanto de encontros com outras culturas.

Pesquisas sobre a CCI no discurso são relevantes para engajar aprendizes e professores e para colaborarem com uma sociedade global ao descobrirem meios apropriados de interagir com pessoas de outras culturas.

APRENDIZ INTERCULTURAL

Considerando os novos espaços contemporâneos, percebemos que há uma figura de um novo perfil de aprendiz de línguas, retratado pelos autores nesta pesquisa. Por isso, tornam-se necessárias novas perspectivas de ensino que levem o estudante a ultrapassar suas limitações de visões de mundo pelos olhos da cultura nativa. E é por meio da perspectiva intercultural que esse tipo de ensino se torna viável. Ressaltamos que, diante do desenvolvimento do indivíduo, aprendendo uma língua estrangeira ou não, é relevante entender sobre conceitos e competências que o levem a um aprendizado mais autônomo e inter-

cultural além de um conhecimento de sua própria cultura e língua para então agir como um falante intercultural.

É proposto por pesquisadores, como Byram e Fleming (1998, p. 17), que estudantes de língua estrangeira devam ser ensinados a se tornarem “falantes interculturais”. Afinal, a busca por essa competência está cada vez mais presente no cenário atual, visto que a geografia não interrompe mais a comunicação e as distâncias estão ficando menores. Sendo assim, o homem moderno precisa aprender a se posicionar e a se relacionar com essa nova realidade.

O objetivo do ensino intercultural não é somente aprender sobre a cultura do outro, mas também a partir do encontro e da relação das culturas envolvidas. Ele prepara o aluno para dialogar com o outro, não importando sua nacionalidade. Sendo assim, o professor tem como um de seus desafios “incentivar aprendizes a reconhecerem a língua em suas especificidades, não só formais, mas, sobretudo, culturais e contextuais” (MENDES, 2012, p. 361).

É importante relembrar que o ensino de línguas tem um histórico de uma progressão de vários métodos, mas atualmente, no âmbito desse processo sob o conceito do ensino intercultural,

[...] é que essa perspectiva não constitui um “método” de ensino de idiomas. Não há um conjunto único de práticas pedagógicas que possa ser considerado como metodologia de ensino sob o enfoque intercultural. Isto quer dizer que o ensino de língua por meio da perspectiva intercultural é considerado mais como um conjunto de pressupostos compartilhados sobre a natureza da língua, cultura e aprendizagem que molda uma compreensão global do que um sistema de ensino de língua de forma intercultural. É uma abordagem a partir da qual os professores de língua constroem a prática, em vez de um conjunto de práticas estabelecidas a serem adotadas (SILVA, 2015, p. 66).

Portanto, esse processo permite que o professor tenha mais liberdade para guiar seu aluno em um processo que o faça desenvolver habilidades preparando-o para o mundo global. Atualmente há muitos pesquisadores, teóricos e professores que têm pensado na formação docente no ensino intercultural.

Pesquisas sobre Competência Intercultural (ALEXANDRE, 2015; SILVA, 2012) revelam a importância de preparar os estudantes a colaborarem, se engajarem em uma sociedade global e interagirem com pessoas de outras culturas. Um falante de uma língua estrangeira com competência intercultural possui a capacidade comunicativa linguística, assim como determinadas habilidades, atitudes, valores e conhecimento sobre uma cultura.

De acordo com Byram (1997), um falante intercultural faz que encontros culturais se tornem relacionamentos interculturais. Isto é, alguém determinado em entender os pontos de vista de dentro da cultura do outro enquanto contribui para o entendimento dessa outra pessoa sobre sua própria cultura.

Quando as habilidades linguísticas e a competência cultural estão integradas em um ambiente de aprendizado, os aprendizes ficam mais preparados para participar do mundo globalizado.

A implementação de uma abordagem comunicativa sob um viés intercultural ao ensino de língua estrangeira requer que o professor entenda a real natureza da CCI e sua familiarização com técnicas usadas para desenvolver a sensibilidade intercultural dos alunos.

Pesquisas acadêmicas, no que tange ao desenvolvimento da Competência Intercultural em relação ao Ensino de Línguas Estrangeiras e diversas outras áreas, tornam-se cada vez mais imprescindíveis para o fortalecimento e investigação teórica e aprimoramento do entendimento da CCI. Assim sendo, acreditamos que o cinema se enquadra nesses dois ambientes como ferramenta investigativa e didática.

O CINEMA E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

O cinema, como objeto de análise e de apreciação, assume um papel para a transformação e a interação das relações humanas em prol de uma comunicação mais eficaz entre culturas diferentes dentro e fora da sala de aula.

Ao considerarmos o cinema uma ferramenta, devemos afirmar que é um dos mais variados modos de expressão cultural da sociedade industrial e tecnológica contemporânea. Desde sua criação com os curtas-metragens dos irmãos Lumière, incluindo *Employees Leaving the Lumière Factory* [Trabalhadores saindo da Fábrica Lumière] (Paris, 1895), o cinema mudo com Charlie Chaplin, aos *cults* russos da década de 1920 e *blockbusters* de Hollywood, o cinema é uma mídia incrivelmente poderosa.

O cinema não deixa de fazer parte da história da arte e do pensamento, sob as formas autônomas insubstituíveis que esses autores foram capazes de inventar e, apesar de tudo, de fazer passar para um público (DELEUZE, 1985, p. 5).

É importante lembrar que o cinema apresenta uma dimensão diferente de estratégias retóricas comuns. Os filmes expõem uma retórica que cria um relacionamento de duas vias entre o sujeito e o espectador, fazendo com que ambos tragam suas próprias perspectivas ao conjunto de informações contidas na apresentação filmica. Isso gera entretenimento e conhecimento.

A sétima arte, sendo uma das mais consumidas e prestigiadas na contemporaneidade, consegue atrair a atenção de um público bastante heterogêneo, influenciando-o das mais diversas maneiras, positiva ou negativamente. O cinema exerce muitas funções, como capturar momentos, manifestar emoções por meio de suas narrativas e servir também como um objeto de análise do comportamento humano.

Ao considerarmos os conhecimentos e saberes contidos nos filmes, percebemos que o uso do cinema e do audiovisual transcende um único sentido: servem como ilustração da vida; como inspiração para novos olhares, representação do tempo e do espaço, entre tantos outros aspectos.

Algumas vezes os filmes passam uma versão aos espectadores que pode ficar longe do real, dando margem a interpretações errôneas sobre uma cultura e resultando em possíveis estereótipos. Muitos cineastas têm produzido obras cinematográficas sobre outras culturas e suas histórias,

[...] mais do que em qualquer outro período na história do cinema, os filmes disponíveis nas cidades cosmopolitas como Nova Iorque, Toronto, Londres, Paris ou Sidney possuem uma variedade global, em vez de somente euro-americana. Os festivais de cinema da América do Sul, da África e da Ásia complementam o número crescente de filmes transnacionais e da diáspora (FRANÇA; LOPES, 2010, p. 27).

Podemos citar diversos filmes contemporâneos que também carregam significados culturais e históricos permitindo percepção e reflexão sobre as complexidades do modo de vida no passado e no presente de um país. Além disso, são construtivos e informativos em um âmbito global ao serem úteis para compreender melhor as lacunas que podem existir entre as culturas.

Desse modo, como afirma Mishan (2005, p. 227, tradução nossa), a “autoconsciência/percepção cultural pode fornecer um foco frutífero para a sala de aula de idiomas”⁴. Questões que podem ser levantadas sobre quão realista e autêntica podemos esperar que uma obra seja, ou até qual imagem daquela nacionalidade estão sendo retratadas. De modo que o aprendiz de língua possa pensar na sua própria cultura, tanto por meio de filmes que tratem de sua nacionalidade pela perspectiva do falante da língua-alvo quanto por comparação com filmes que retratem outras nacionalidades.

De maneira geral, os filmes estrangeiros fazem que pessoas de outros países e culturas percebam a história daquele país, elementos da cultura que os autores França e Lopes (2010, p. 10), no livro *Cinema, globalização e interculturalidade*, apontam que “[...] o cenário contemporâneo – globalizado, midiático, digital – tem tematizado de forma ampla e contundente questões de identidade individual, cultural, nacional”.

O cinema intercultural tem o potencial de gerar formas de representação visual mais relevantes e significativas em relação ao outro quando são retratados cenários em que culturas diferentes interagem de forma harmoniosa, em uma conversa recíproca baseada na tentativa de compreensão mútua e uma atitude de abertura, mesmo que haja algum atrito ou conflito, pois, como mencionado, nem tudo é possível de se traduzir ou compreender facilmente.

Assim, sendo usado como instrumento e canal de ensino-aprendizagem, gera a oportunidade de o professor focar nos aspectos culturais, históricos, literários e políticos, proporcionando uma visão integral do cinema como mídia educativa.

Espera-se no ensino de língua estrangeira com foco intercultural uma busca pelo uso de novas estratégias de desenvolvimento do ensino-aprendizagem, com perspectivas interdisciplinares, para a inovação pedagógica e a adequação às mudanças sociais a fim de proporcionar uma formação integral, crítica, e relevante aos aprendizes. Segundo Duarte (2006, p. 17): “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

Ter uma perspectiva intercultural no ensino de línguas envolve mais do que desenvolver conhecimento de outras pessoas e lugares, como vemos por meio dos teóricos. Então, um processo de ensino-aprendizagem que eficazmente desenvolva habilidades interculturais pode acontecer ao passo que o aprendiz se envolva no entendimento e descoberta dos relacionamentos entre as culturas que estiverem presentes na sala de aula, por meio de seus colegas de sala e de filmes inseridos pelo professor, além de outras culturas (LIDDICOAT; SCARINO, 2009, p. 22).

Mishan (2005, p. 227, tradução nossa) aponta que há grande potencial para comparações entre culturas quando usamos os filmes no aprendizado:

4 “[...] cultural self-consciousness can provide a fruitful focus in the language classroom”.

“Os padrões de comportamentos, estilo de vida, e maneiras de comunicação não verbal que o filme pode retratar podem ser tão valiosos ao aprendiz quanto o *input* da língua fornece”⁵.

Se tomarmos por exemplo o filme *Encontros e desencontros (Lost in translation)* da diretora Sofia Coppola (2006), podemos relacionar comportamentos, atitudes e situações em cenas de interações interculturais a algumas competências da CCI de modo que os alunos analisem e trabalhem com os conceitos, as línguas, as culturas e o próprio filme.

É possível observar os aspectos da CCI sendo construídos na longa-metragem com elementos de ambas as culturas: a norte-americana e a japonesa. Podemos ressaltar tanto o contraste quanto a semelhança do mundo contemporâneo pós-moderno e o tradicional. A interação das culturas, a norte-americana e a japonesa, o contraste entre o Ocidente e o Oriente, apresenta inúmeros desencontros (*Encontros e desencontros*), mal-entendidos linguísticos, contemplosões do exótico, como também proporciona grandes semelhanças homogeneizadas em lugares comuns (os “não lugares” da pós-modernidade) de qualquer parte do mundo globalizado, como os aeroportos, hotéis, hospitais, shopping centers, trens, táxis, metrô ou boates – muitos deles presentes no filme.

O professor pode se preparar de antemão, de modo a instigar o aprendiz a perceber as nuances de uma cena e se tornar mais sensível para avaliá-las. Há diversos aspectos interculturais que serão sempre válidos em sala de aula para ajudar os aprendizes a observarem detalhes visuais e linguagens não verbais, que incluem expressão facial, movimento e proximidade dos falantes, além de outros fatores, segundo Edward Hall (1988), de modo a saberem discernir o seu entorno, tanto em um outro país, quanto em seu próprio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange o desenvolvimento da Competência Intercultural em relação ao Ensino de Línguas Estrangeiras e diversas outras áreas, pesquisas tornam-se cada vez mais imprescindíveis para o fortalecimento e investigação teórica e aprimoramento do entendimento da CCI. Assim sendo, acreditamos que o cinema se enquadra nesses dois ambientes como ferramenta investigativa e didática.

Os filmes são uma “mídia única e rica para o propósito de se estudar cultura”⁶ (MALLINGER; ROSSY, 2003, p. 33, tradução nossa). Um de seus benefícios é o fato de ser entretenimento, especialmente entre estudantes. Além de suas características que envolvem e estimulam a curiosidade sobre outras vidas, outras vivências e outras culturas, é um campo amplo de diversidade. Mendes (2012) considera que a interculturalidade é a compreensão do que é possível, no emaranhado das diferenças e choques culturais, logo, acreditamos que seja possível encontrar a interculturalidade no cinema.

Os estudantes podem aprender a perceber nuances antes não vistas para melhor se relacionarem com olhares mais integradores e menos preconceituosos, não só com os estrangeiros, mas com as pessoas ao seu redor. Ainda por meio da CCI, perceber que é autônomo em seu aprendizado, e aprender a fazer

5 “The patterns of behavior, lifestyle and modes of non-verbal communication that film can portray can be as valuable to the learner as the language input it provides”.

6 “[...] uniquely rich medium for the purpose of studying culture”.

uso do que foi apreendido em sala em seu cotidiano. Nesse aspecto de ensino de línguas estrangeiras, contamos com teóricos como Kramersch (1993, 2005), Hanna (2012, 2014, 2015), Liddicoat e Scarino (2009), entre outros.

Percebemos que inserir os conceitos da Competência Comunicativa Intercultural ligados ao cinema contemporâneo no ensino de língua pode servir para o interessado nos estudos culturais, para o aprendiz que busca seu desenvolvimento pessoal, para o estudante de Letras, para o professor que quer se aprimorar e aplicar qualquer um dos conceitos em qualquer filme que apresente características interculturais.

INTERCULTURAL PERSPECTIVES IN THE FOREIGN LANGUAGE TEACHING

Abstract: We have been facing with contexts involving the need of having skills which include motivation, respect and efficient behavior in order to communicate in contexts with different cultures. Therefore, we have considered the Intercultural Communicative Competence (ICC) a keyword for these interactions, for this reason, we sought to comprehend within the Foreign Language Teaching context, how to develop this competency. In this scope, we relied in the contemporary cinema under an intercultural angle. By means of the authors from the areas herein mentioned, such as Edward Hall (1959, 1966, 1976, 1988, 1990), Bennett (1993, 2008), Kramersch (1993, 2005), Byram (1997), Byram and Flemming (1998), Byram et al. (2001), and Byram, Gribkova, and Starkey (2002), among others.

Keywords: Intercultural Communicative Competence. Foreign language teaching. Contemporary cinema.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, A. F. *Competência comunicativa intercultural de professores em formação: um estudo longitudinal de participantes do programa de licenciaturas internacionais*. 2015. 282 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Ensino de Línguas)–Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2015.
- BAUMAN, Z. *Modernity and ambivalence*. Ithaca: Cornell University Press, 1991. 285 p.
- BENNETT, M. J. *Basic concepts of intercultural communication: selected readings*. Yarmouth: Intercultural Press, 1998.
- BENNETT, M. J. Intercultural communication: a current perspective. In: BENNETT, M. J. *Basic concepts of intercultural communication*. Yarmouth: Intercultural Press, 1993. p. 1-34.
- BENNETT, M. J. On becoming a global soul. In: BENNETT, M. J. *Developing intercultural competence and transformation: theory, research and application in international education*. Sterling: Stylus, 2008. p. 13-31.
- BYRAM, M. *Teaching and assessing intercultural communicative competence*. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

- BYRAM, M.; FLEMMING, M. (Ed.). *Language learning from an intercultural perspective: approaches through drama and ethnography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BYRAM, M.; GRIBKOVA, B.; STARKEY, H. *Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers*. Strasbourg: Council Of Europe, 2002. 42 p. Disponível em: <<http://give2all.org/pdf/dimension/5.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- BYRAM, M. et al. *Language Learners as Ethnographers*. Great Britain, UK: Cromwell Press, 2001.
- CHEN, G. M.; STAROSTA, W. J. The development and validation of the intercultural sensitivity scale. *Paper presented at the Annual Meeting of the National Communication Association*. Seattle, 2000.
- DELEUZE, G. *Cinema 1: a imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DUARTE, R. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FRANÇA, A.; LOPES, D. *Cinema, globalização e interculturalidade*. Chapecó: Argos, 2010. 401 p.
- HALL, E. T. *Beyond culture*. New York: Doubleday, 1976.
- HALL, E. T. *Hidden differences: doing business with the Japanese*. New York: Anchor Press/Doubleday, 1990.
- HALL, E. T. *The hidden dimension*. New York: Doubleday, 1966.
- HALL, E. T. The power of hidden differences. In: BENNETT, M. J. (Ed.). *Basic concepts of intercultural communication – selected readings*. Yarmouth: Intercultural Press, 1988. p. 53-67.
- HALL, E. T. *The silent language*. New York: Doubleday, 1959.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Org.). *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage; Open University, 1997.
- HANNA, V. L. H. O ensino de línguas estrangeiras no contexto de pós-humanidades: os estudos culturais, a transdisciplinaridade. In: VASCONCELOS, M. L. *Língua e Literatura: ensino e formação de professores*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2015.
- HANNA, V. L. H. Intertextualidades culturais no ensino de língua estrangeiras: repensando o contexto. In: HANNA, V. L. H. (Org.). *Letras no terceiro milênio: diálogos transdisciplinares*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2014.
- HANNA, V. L. H. *Línguas estrangeiras: o ensino em um contexto cultural*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2012. (Col. Conexão Inicial, 2).
- KRAMSCH, C. *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- KRAMSCH, C. Post 9/11: Foreign Languages between Knowledge and Power. *Applied Linguistics*, Oxford, v. 26, n. 4, p. 545-567, 2005.
- KRAMSCH, C. *The symbolic dimensions of the intercultural*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

- LIDDICOAT, J. A.; SCARINO, A. *Teaching and learning languages: a guide*. Australia: GEON Impact Printing Pty, 2009.
- MALLINGER, M.; ROSSY, G. Film as a lens for teaching culture: balancing concepts, ambiguity, and paradox. *Journal of Management Education*, Northridge, v. 27, n. 5, p. 608-624, 2003.
- MENDES, E. Aprender a ser e a viver com o outro: materiais didáticos interculturais para o ensino de português LE/L2. In: SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, D. S. P. *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 355-378.
- MISHAN, F. *Designing authenticity into language learning materials*. Bristol: Intellect, 2005. 330 p.
- RICHARDS, J. C.; NUNAN, D. (Ed.). *Second language teacher education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SILVA, V. M. da. *Ensino de língua e estudo da cultura: um desafio aos cursos de letras na formação de professores*. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.
- SILVA, V. M. da. *Ensino de Português como língua estrangeira e a perspectiva intercultural: um estudo etnográfico nos Estados Unidos*. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

Recebido em dezembro de 2017.

Aprovado em janeiro de 2018.